

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E CIÊNCIA POLÍTICA
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Bruno De Santi

A representação da “Cultura” no caderno Ilustríssima da Folha de São Paulo

Florianópolis
2021

Bruno De Santi

A representação da “Cultura” no caderno Ilustríssima da Folha de São Paulo

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em Ciências Sociais do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo da Rosa Bordignon

Florianópolis

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

De Santi, Bruno

A representação da "Cultura" no caderno Ilustríssima da
Folha de São Paulo / Bruno De Santi ; orientador, Rodrigo
da Rosa Bordignon, 2021.

44 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Ciências
Sociais, Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. Ciências Sociais. 2. Sociologia da Cultura. 3.
Suplemento Cultural. 4. Ilustríssima. I. Bordignon, Rodrigo
da Rosa. II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

Bruno De Santi

A representação da “Cultura” no caderno Ilustríssima da Folha de São Paulo

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Bacharel em Ciências Sociais” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Ciências Sociais

Florianópolis, 20 de maio de 2021.

Prof.^a Letícia Maria Costa da Nobrega Cesarino, Dra.
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Rodrigo da Rosa Bordignon, Dr.
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Camila Gui Rosatti, Dra.
Avaliadora
Universidade de São Paulo

Prof. Luiz Gustavo da Cunha de Souza, Dr.
Avaliador
Universidade Federal de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

Muito obrigado aos meus pais, pela paciência, apoio, carinho e atenção durante esse percurso na universidade. Reconheço o privilégio que foi ter em vocês um lugar de tranquilidade e paz para ultrapassar os momentos de dificuldade, os percalços que esse momento da vida gerou. Sem vocês teria sido impossível absorver as dificuldades para amadurecer e valorizar os bons momentos. À minha mãe, que com o maior coração do mundo, é capaz de me tranquilizar independente do problema. Ao meu pai, que é capaz de demonstrar amor e apoio de diversas formas, independente da distância. Aos meus irmãos, me lembrando todos os dias da importância dos estudos, me ajudando a manter o foco e a determinação.

À Clara, minha colega de curso e companheira de vida, sem você a faculdade não teria tido o mesmo sentido. Talvez até mesmo não teria concluído as ciências sociais. Sempre me incentivou e ajudou tanto dentro quanto fora do curso. Você foi, com toda a certeza, a maior surpresa e o melhor presente que a universidade poderia ter me dado.

Aos colegas de curso Isaura e Sávio, muito obrigado por sua amizade. Sem você Sávio o curso não teria sido tão engraçado, sua presença me tranquiliza e sua amizade me conforta. Isaura, obrigado por me acompanhar nas experiências acadêmicas e pessoais, você foi uma verdadeira companheira, seus conselhos e dicas foram fundamentais em minha trajetória.

Um agradecimento especial ao meu orientador Rodrigo, pelos conselhos e orientações ao longo da elaboração desta pesquisa. Me incentivou e deu liberdade para elaborar o problema da pesquisa. À Universidade Federal de Santa Catarina, agradeço as amizades que construí, as lembranças guardadas e a ótima estrutura e apoio para os estudos. Também agradeço aos ótimos professores com quem tive a oportunidade de aprender, de uma forma respeitosa e atenciosa.

Resumo

O objetivo desta pesquisa é compreender qual a concepção de cultura expressa pelo caderno Ilustríssima da Folha de São Paulo, e observar a relação entre as características ou propriedades dos produtores de conteúdo do caderno e a seleção e hierarquia entre os temas abordados por eles. Busca-se analisar quem são os autores que produzem esse conteúdo, com o objetivo de entender que tipo de atributos sociais garantem legitimidade para falar sobre cultura nesse espaço. Para essa pesquisa, foram selecionadas 50 edições do caderno publicadas ao longo de 2012, a partir das quais foram observadas as propriedades através das quais os produtores de conteúdo foram apresentados, os temas discutidos por eles e a maneira como esses temas foram tratados. Como resultado da pesquisa podemos identificar principalmente a área de atuação como principal marcador dos discursos culturais do caderno, com destaque para a formação acadêmica, especialização e familiaridade com a escrita.

Palavras-chave: Cultura. Ilustríssima. Jornalismo Cultural.

Abstract

The aim of this research is to understand the concept of culture expressed by the Ilustríssima section of Folha de São Paulo, and to observe the relation between the characteristics or properties of the content producers of the section and the selection and hierarchy among the topics addressed by them. It seeks to analyze who are the authors that produce this content, in order to understand what kind of social attributes guarantee legitimacy to talk about culture in this space. For this research, 50 editions of this journal published during 2012 were selected, from which the content producers were presented, the topics discussed by them and the way these topics were treated were observed. As a result of the research, we can mainly identify the area of activity as the main marker of the cultural speeches in the section, with emphasis on academic education, specialization and familiarity with writing.

Key-Words: Culture. Ilustríssima. Cultural Journalism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capa da “Ilustríssima”	18
Figura 2 - Ilustríssima Semana	19
Figura 3 - Ilustríssimos desta Edição	20
Figura 4 - Exemplo da estrutura das matérias	23
Figura 5 - Planilha com atributos e temas	24
Figura 6 - Faixas etárias dos participantes	30
Figura 7 - Tipo de produção dos Acadêmicos	38
Figura 8 - Tipo de produção dos Produtores Culturais.....	39

SUMÁRIO

1. Introdução	10
2. A Ilustríssima	13
3. Metodologia.....	21
4. A cultura e seus autores	25
4.1 Ilustríssimos	25
4.2 A Boa Cultura	31
4.3 Experiências de Destaque.....	33
5. Trajetória e opinião	36
5.1 Jornalistas	36
5.2 Acadêmicos	37
5.3 Produtores Culturais	39
6. Considerações Finais	40
REFERÊNCIAS	43

1. Introdução

O objetivo desta pesquisa é compreender qual a concepção de cultura expressa pelo caderno Ilustríssima da Folha de São Paulo, e observar a relação entre as características ou propriedades dos produtores de conteúdo do caderno e a seleção e hierarquia entre os temas abordados por eles. O caderno Ilustríssima é um suplemento semanal da Folha de São Paulo publicado pela primeira vez em 2010, e tem por função discorrer sobre assuntos culturais com mais profundidade e oferecer uma agenda cultural aos leitores, assim como comentários sobre filmes, livros, etc., lançados recentemente. Para essa pesquisa, foram selecionadas 50 edições do caderno publicadas ao longo de 2012, a partir das quais foram observadas as propriedades através das quais os produtores de conteúdo foram apresentados, os temas discutidos por eles e a maneira como esses temas foram tratados.

Em termos antropológicos, a cultura tem sido considerada como a visão de mundo ou modo de vida global de uma coletividade. Segundo Clifford Geertz, por exemplo, “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu” (GEERTZ, 1978, p.15), sendo essas teias a própria cultura. Nesse sentido, toda ação humana seria cultural. Porém, no senso comum, tendemos a usar também uma outra definição de cultura, mais especializada, que se refere às atividades e produções artísticas e intelectuais de uma sociedade (WILLIAMS, 2008). A “cultura” seria então uma área e um conjunto de bens específicos, que se distingue de outras esferas, como a economia, a política, a ciência, etc. A emergência da cultura nesse sentido se relaciona ao processo histórico por meio do qual se constitui um mercado de bens simbólicos como uma arena separada de outras esferas da vida social (BOURDIEU, 2015).

Quando pensamos sobre nossas preferências estéticas e culturais em relação aos produtos desse mercado de bens simbólicos, tendemos a nos recordar de algumas frases frequentemente utilizadas, como “tem gosto pra tudo” ou “gosto não se discute”. Elas transmitem a ideia de que nosso gosto é inato, faz parte de quem somos e nos torna únicos, e que portanto não poderia ser explicado através de fatores sociais. Contudo, autores como Pierre Bourdieu nos mostram que as práticas culturais não são “naturais”, pois estão intimamente relacionadas às condições sociais que produzem os agentes.

Como podemos compreender os diferentes tratamentos e qualificações que as pessoas dão a movimentos e produções artísticas? Deve-se pensar, antes de tudo, que o modo como os indivíduos entram em contato com o campo das artes é estreitamente ligado às diferentes posições que eles ocupam no espaço social. Bourdieu busca mostrar em seu livro “A Distinção: crítica social do julgamento” (2006), como se dá a relação entre a avaliação estética sobre uma obra ou criação artística e as condições sociais das quais a avaliação é produto. No decorrer da obra Bourdieu expõe como as disposições estéticas dos sujeitos relacionam-se com sua posição no espaço social definida em termos de capital cultural e econômico. Sua tese central afirma que a arte e o consumo artístico desempenham uma função social de legitimação das diferenças sociais, uma vez que a disposição estética legítima é vista como uma habilidade natural dos indivíduos, e não como um olhar socialmente produzido.

Em sua análise, Bourdieu leva adiante discussões importantes na fundação do campo da Sociologia da Cultura, como a discussão feita por Max Weber sobre a diferença entre “classe” e “estamento”. Weber procurou compreender as distinções entre os grupos sociais para além das desigualdades econômicas, e foi um dos primeiros a discutir o caráter distintivo dos estilos de vida na Sociologia. Segundo o autor, “classe” e “estamento” são diferentes formas de analisar a distribuição do poder dentro da sociedade, onde as “classes” diferenciam-se pelas suas “relações de produção e aquisição de bens” e os “estamentos”, “segundo os princípios de seu consumo de bens, que se manifestam em ‘condições da vida’ específicas” (WEBER, 2012, p.185). Sem negligenciar o peso do momento histórico e econômico na produção das condições de vida de um grupo, ele mostra que ao compreendermos a estratificação social por meio dos estilos de vida praticados por diferentes estamentos podemos observar formas mais refinadas de diferenciação entre as classes e dentro de uma mesma classe. Diversos meios nos permitem compreender como se dão essas “condições da vida” ou modos de consumo. O nosso tipo de leitura, roupas e marcas preferidas ou até práticas gastronômicas marcam fronteiras simbólicas não só entre classes mas dentro das mesmas.

Percebemos, portanto, que essa maneira de enxergar as distinções entre os grupos, dando especial atenção ao consumo cultural e estilo de vida, nos permite observar diferenças que talvez passem despercebidas se nos atentarmos apenas à dimensão econômica. Outro

bom exemplo desse tipo de análise são as obras de Carolina Pulici (2011) e Camila Gui Rosatti (2019), que retratam como diferentes grupos da elite paulistana se relacionam com a arquitetura. Apesar de compartilharem uma posição similar em termos econômicos, os diferentes estilos de vida praticados por diferentes frações das elites fazem com que eles realizem diferentes consumos culturais. Podemos citar também a obra de Norbert Elias (2001), que graças a sua atenção ao papel das práticas culturais nas relações de poder, consegue observar de forma minuciosa os jogos de poder entre a nobreza francesa.

Isso posto, podemos entender a importância das práticas culturais que constituem os estilos de vida na produção e reprodução de relações de poder dentro de uma sociedade. Assim, buscamos revelar como as propriedades ou características de quem produz o caderno e os temas sobre os quais discorrem evidenciam as hierarquias entre os temas, hierarquia que se expressa na e pela relação entre a hierarquia das propriedades. É uma via de mão dupla: a própria seleção e sua hierarquia temática se relaciona à hierarquia de propriedades sociais como formação e especialização. Esse é o ponto desta abordagem sociológica: apreender a lógica que revela em menor escala o significado das características sociais e em maior escala compreender a construção histórica e social das relações entre determinadas práticas culturais e segmentos sociais.

2. A Ilustríssima

Antes de analisarmos a concepção de cultura expressa nas páginas da Ilustríssima, devemos entender como esse caderno se relaciona ao jornal Folha de São Paulo, e à história do jornalismo cultural brasileiro como um todo, uma vez que a Ilustríssima pode ser analisada como uma tomada de posição no campo do jornalismo cultural brasileiro, cuja particularidade se define em relação a outros cadernos que revelam outras formas de se falar sobre a cultura (BOURDIEU, 1996).

Nelson Werneck Sodré em “História da Imprensa no Brasil” (1999) procurou mostrar como as condições sociais e econômicas da sociedade brasileira desde os tempos de colônia explicam o desenvolvimento e circulação dos jornais. Segundo o autor não havia qualquer

tipo de incentivo à leitura por parte de Portugal em relação ao Brasil, constituindo o analfabetismo um projeto de dominação sobre a colônia. Apenas 300 anos após a chegada dos portugueses é que uma minoria da população brasileira teria acesso à leitura. O primeiro periódico, no caso financiado pela própria coroa, foi a Gazeta do Rio de Janeiro. O século XIV foi marcado pelo aumento de periódicos críticos à coroa e na mesma proporção (ou mais) aqueles financiados pela coroa para a manutenção de sua imagem. Essa disputa fez com que a quantidade de impressas aumentasse consideravelmente em um curto espaço de tempo. Já independente de Portugal foram criadas as primeiras leis de regulamentação sobre as impressas. As matérias deveriam ser avaliadas pelo procurador da Coroa, ou seja: ainda havia o controle por parte do governante.

Segundo Sodré, durante o período regencial o jornalismo era ainda amador, crítico e “artesanal”, e era considerado sobretudo um meio de luta política, sendo caracterizado principalmente pela militância.

A fase seguinte conta sobre o declínio desse jornalismo politicamente engajado e o início e consolidação dos grandes jornais. É nesse momento, fim do século XIX e início do XX que as pequenas e artesanais impressas dão lugar à indústria gráfica de grande porte. Mudanças na sociedade brasileira como a abolição da escravidão e a proclamação da república, além da influência de técnicas estrangeiras fizeram com que produções como o Pasquim dessem lugar a jornais e revistas com públicos específicos e a ampliação de temas abordados como o carnaval e os esportes. A partir desse momento, a “empresa jornalística, mesmo tomada isoladamente, tem já dimensões e complexidades tais que o capital para montá-la está ao alcance de poucos” (SODRÉ, 1999, p.389).

É nesse processo que a história da Folha de São Paulo se inicia em 1921 com a Folha da Noite criada por Olival Costa e Pedro Cunha; em 1925 é criada a edição matutina “Folha da Manhã” e em 1949 também é criada a “Folha da Tarde”. Em 1960 as três edições se unem e formam o jornal como é conhecido hoje, “Folha de São Paulo”. O jornal é apenas uma parte do grande grupo Empresa Folha da Manhã S/A, um dos principais conglomerados do país. Como destaque do grupo temos o UOL, importante portal de conteúdo online; o instituto de pesquisa DataFolha e o GuiaFolha, revista semanal com roteiros de lazer, além de outros serviços (FOLHA DE S. PAULO, 2021). Segundo pesquisa de 2014 do IVC (Instituto Verificador de Circulação), a Folha lidera a circulação e a audiência jornalística no país. O

site também é o mais lido, tendo atingido, em maio do mesmo ano, 25,9 milhões de visitantes (FOLHA DE S. PAULO, 2014). Além disso, a Folha mantém diversas relações com espaços culturais pela cidade, como sua parceria com o MAM (Museu de Arte Moderna) e como apoiadora cultural do MASP (Museu de Arte de São Paulo)

Para um jornal de grande alcance, seu público atual pode ser caracterizado como altamente escolarizado e de grande poder aquisitivo quando comparado com o restante da população brasileira. Em pesquisa do DataFolha de 2011, alguns pontos saltam aos olhos: três quartos dos leitores da Folha fizeram faculdade e 24% também a pós-graduação, sendo que no país, naquele mesmo período, apenas 13% tinham ensino superior e 2% concluíram a pós-graduação. 12% dos leitores pertencem à classe A e 43% à classe B (FOLHA DE S. PAULO, 2011).

Especificamente sobre o público leitor da Ilustríssima, como destaque temos o público feminino, que representa 64%; além disso quase metade dos leitores é composto pela classe A (49%) e outros 34% pela classe B. Podemos perceber, portanto, que se o público leitor da Folha já representa uma elite em relação ao povo brasileiro, os leitores da Ilustríssima pertencem a uma elite ainda mais seleta (FOLHA DE S. PAULO, 2021).

Para entendermos o contexto em que surge a Ilustríssima, devemos abordar em linhas gerais o desenvolvimento do jornalismo cultural no Brasil. Esse campo se constitui atualmente por diversos meios: rádio, televisão, jornais, revistas e blogs. O espaço e a abordagem, do mesmo modo, também são diferentes de acordo com suas propostas. Podem ter um caráter informativo, divulgando lançamentos de filmes, peças de teatro e de livros, como é o caso do Guia da Semana do grupo Folha; assim como mais analíticos ou críticos, como é o caso da Ilustríssima. Mas a produção que se propõe a falar sobre cultura não foi sempre tão variada e valorizada.

De acordo com Denise Siqueira e Euler Siqueira (2017) diversos avanços sociais como a alfabetização e melhora das condições de vida das classes mais baixas explicam o aumento do espaço concedido na imprensa à discussão de produções culturais ao longo do século XIX, atendendo variados públicos e gostos. Foi ainda no Brasil Império que ocorreu um “processo de conjunção entre imprensa e literatura” permitindo que a literatura compusesse os jornais, e influenciando as técnicas de redação. Surge então um novo atrativo

nos jornais: os folhetins, histórias curtas que se alongam por várias edições, como as novelas televisivas de hoje. É nesse período que surgem grandes escritores como Machado de Assis e José de Alencar no espaço do jornalismo brasileiro. Dessa forma, o espaço do jornal funcionava como uma fonte de renda para escritores, uma vez que era difícil viver apenas de literatura no Brasil, e assim, o jornalismo brasileiro ganha um perfil mais cultural (SILVA; CONCEIÇÃO, 2007).

A virada de século trouxe diversas mudanças na sociedade brasileira, como a alfabetização progressiva, a emergência de metrópoles como São Paulo e Rio de Janeiro e a imigração em massa, seguidas da difusão do rádio na década de 30 e o plano varguista de unificação e fortalecimento de uma identidade nacional (SILVA; CONCEIÇÃO, 2007). É na década de 50 que os jornais se profissionalizam, se industrializam aumentando sua produção em um número cada vez maior de tiragens impressas. Mais dinheiro passa a circular nesse espaço, por meio das propagandas e os cadernos passam a se especializar, surgindo cadernos culturais mais críticos. Ainda segundo Andréia Silva e Francisco da Conceição (2007), nos anos 60 e 70 surge uma variedade de revistas especializadas em reportagens interpretativas, críticas culturais, literatura, humor etc., como as revistas mensais Senhor e Diners. Já como parte integrada da sociedade, com grande circulação e alcance, e em alguns casos com prestígio como a revista “Senhor”, esse jornalismo cultural compõe o cotidiano da população, auxilia e informa sobre preços, horários e roteiros das produções culturais. E por fim é importante destacar a ampliação do campo cultural abordado por esses periódicos no fim do século XX, que se até então costumavam falar apenas sobre as sete artes (literatura, teatro, pintura, escultura, música, arquitetura e cinema), passam a abordar também moda, gastronomia e design.

Dessa forma se constituiu o jornalismo cultural como o conhecemos, passando por grandes mudanças desde o século XIX até nossos dias. Essa breve explanação sobre a história do jornalismo, da Folha e do jornalismo cultural nos permite compreender melhor a posição da Folha e especificamente da Ilustríssima nesse campo.

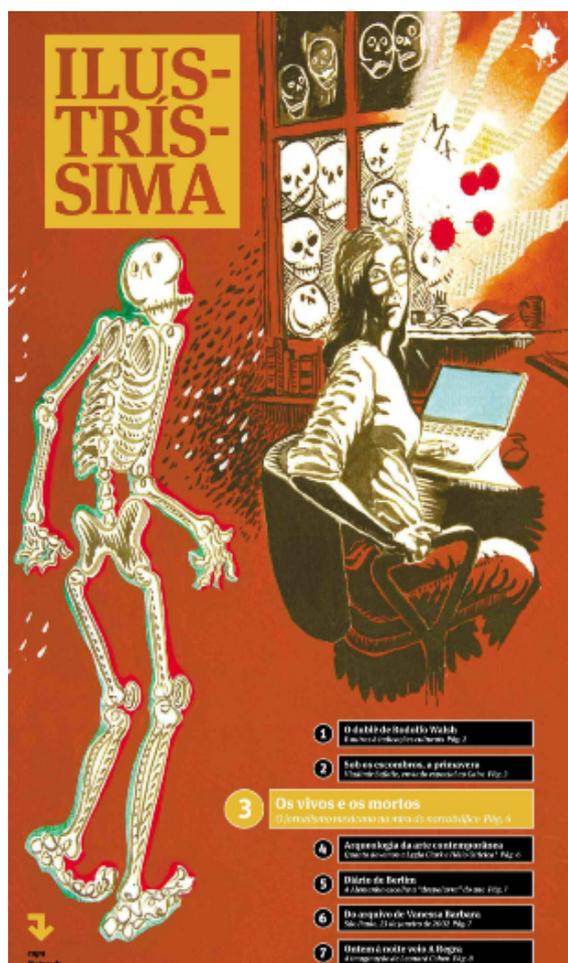
Em 2010 três grandes jornais - Folha de São Paulo, Estado de São Paulo e o Globo - fizeram reformulações gráficas e editoriais. Isso ocorreu por conta do aumento da concorrência das mídias digitais. São “jogadas de marketing” que buscam inovar o espaço, antes compostos por textos extensos e pouco apelativos ao público, agora buscam atrair por

meio de novos projetos gráficos (COSTA, 2015). A Ilustríssima surge para substituir o Mais!, presente na Folha por 18 anos, tendo sido inaugurada em 23 de maio de 2010. Com o intuito de alterar e inovar o espaço do jornal dedicado ao debate cultural, este caderno semanal lançado aos domingos procura “se destacar pela narrativa de alta qualidade e desprovida de jargões acadêmicos, que torne fluente e prazerosa a leitura de textos de maior fôlego” (FOLHA DE S. PAULO, 2010). Um dos editores e colaboradores Paulo Werneck, em entrevista realizada no congresso CULT de 2012, expressa claramente a intenção do caderno: “Ela [Ilustríssima] procura dentro da Folha oferecer pro leitor do jornal um espaço mais de reflexão, de narrativas longas, de ensaios que tenham uma densidade maior do que o resto do jornal não tem” (CULT REVISTA, 2012).

Nesse sentido podemos destacar algumas características que particularizam a Ilustríssima. Foram deixados de lado os colunistas fixos, focando em textos inéditos e artes visuais compondo as páginas das edições. Além disso, o espaço para anúncios nesse novo formato diminuiu consideravelmente priorizando anúncios de produtos culturais como lançamentos de livros e exposições. Isso mostra como essa busca pela inovação procurou deixar a edição mais agradável e atrativa, aproximando o periódico cultural da Folha “de publicações de cunho mais elitizado”, negando “o comercial ao determinar espaços próprios para a publicidade para que não se confundam com o conteúdo editorial” (COSTA, 2015, p. 126-127).

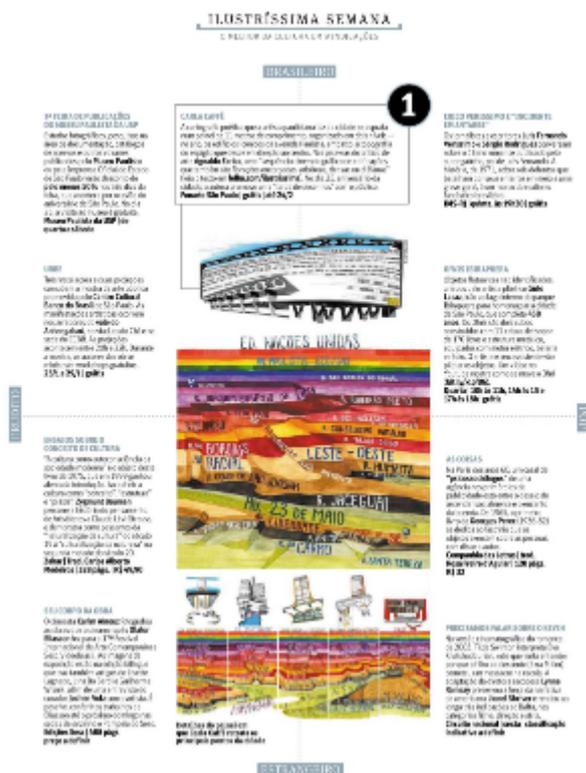
O caderno mantém a mesma estrutura desde sua fundação, mas nem todas as edições da Ilustríssima trazem todas as seções. As seções fixas são: “Ilustríssima Semana”, “Imaginação”, “Arquivo Aberto” e “Diário de...”, além do espaço “Ilustríssimos desta Edição”. Na capa são apresentadas e numeradas as matérias da edição de acordo com o título e a página. A primeira matéria, “Ilustríssima Semana”, é uma espécie de agenda que divulga aquilo que eles consideram relevante na produção cultural do momento, através de indicações de livros, shows, exposições, etc.

Figura 1 - Capa da “Ilustríssima”



Fonte: *Ilustríssima*, 29 de Janeiro de 2012, on-line.

Figura 2 - Ilustríssima Semana



Fonte: *Ilustríssima*, 22 de Janeiro de 2012, on-line.

Na mesma página, na parte inferior, está o espaço reservado para os “Ilustrísimos desta Edição”, onde são apresentados aqueles que contribuíram com a realização daquele número do caderno, desde os ilustradores até os jornalistas e convidados. As pessoas são apresentadas de acordo com um conjunto de características que são consideradas relevantes para aquele espaço, como idade, formação e diplomas, área de atuação e publicações. Por

isso, os atributos usados para descrever diferentes pessoas não são sempre os mesmos, e têm antes a ver com o que o caderno considera interessante de ser comentado sobre aquela pessoa especificamente. Como veremos, os atributos seleccionados se relacionam ao conteúdo da matéria produzida pela pessoa em questão.

Figura 3 - Ilustríssimos desta Edição


ILUSTRÍSSIMOS DESTA EDIÇÃO

ALEXANDRE GONZALEZ, 29, é repórter da revista francesa "So Foot". *Pág. 4*

ARNALDO BRANCO, 39, é quadrinista e cartunista, autor de "Mundinho Animal" (Leya). *Pág. 3*

BERILO VARGAS é jornalista e tradutor. *Pág. 6*

DEBORAH FALEIROS, 27, é designer da "Ilustríssima". *Pág. 8*

IVONE C. BENEDETTI é tradutora e escritora. É autora de "Immaculada" e "Tenho um Cavalo Alfaraz" (ambos pela WMF Martins Fontes). *Pág. 7*

JULIANA FRANK, 26, é escritora, é autora de "Quenga de Plástico" (7Letras). *Pág. 8*

LEÃO SERVA, 52, é jornalista, autor de "Jornalismo e Desinformação" (Editora Senac). *Pág. 3*



LEO CULLUM (1942-2010) foi cartunista da "New Yorker". *Pág. 5*

MARCELO COMPARINI, 31, é artista plástico e restaurador. *Pág. 4*

PAULO WERNECK, 34, é editor da "Ilustríssima". *Pág. 7*

RAFAEL CAMPOS ROCHA, 42, é artista plástico e cartunista. *Pág. 6*

SERGE KAGANSKI 51, é jornalista da revista francesa "Les Inrockuptibles". *Pág. 7*

SIDDHARTHA MUKHERJEE, americano, é oncologista e pesquisador. Seu livro "O Imperador de Todos os Males" (Companhia das Letras) venceu o Prêmio Pulitzer de 2011 na categoria não ficção. *Pág. 6*

SOPHIE BERNARD, 49, é tradutora. *Pág. 4*

Fonte: *Ilustríssima*, 12 de fevereiro de 2012, on-line.

A seção "Arquivo Aberto", segundo a própria Folha de São Paulo, traz toda semana "um relato de um grande artista, cientista ou intelectual, produzido a partir de uma peça de seu arquivo pessoal, como fotos, documentos, recortes etc." (FOLHA DE SÃO PAULO, 2010). O texto publicado nessa seção é sempre um relato em tom mais intimista, tendo como temas frequentes viagens, encontros com figuras célebres, experiências pessoais, etc.

Em "Diário de...", "um autor estrangeiro ou brasileiro escreve a respeito da vida artística e intelectual de uma dentre dez cidades culturalmente importantes no mundo" (FOLHA DE S. PAULO, 2010). Apesar da proposta inicial mencionar dez cidades, ao longo de 2012 apareceram aqui matérias sobre Paris, Tóquio, Londres, Pequim, Nova Iorque, Los Angeles, Berlim, Lisboa, Buenos Aires, Moscou, Bogotá, Guadalajara e Istambul.

Em "Imaginação", a *Ilustríssima* traz um trecho de uma obra de literatura de um autor contemporâneo ou póstumo, como um romance, conto ou poesia. Os autores que aparecem

aqui incluem: Umberto Eco, Valter Hugo Mãe, Millôr Fernandes, Roland Barthes, Scott Fitzgerald, Charles Fourier, entre outros.

Outros títulos que deram nome a seções que aparecem com mais ou menos frequência, mas que não estão presentes em todas as edições da Ilustríssima durante o ano de 2012, são: “Economia”, “Ensaio”, “Entrevista”, “Esporte”, “Inédito”, “Literatura”, “Música”, “Perfil”, “Política”, “Reportagem”, “Samba”, “Urbanismo”, “Violência”, “Arte”, “Ciência”, “Ciências Sociais”, “Cinema”, “Crítica”, “Diplomacia”, “Ditadura”, “Europa”, “Ficção”, “Fotografia”, “História”, “Internet”, “Memória”, “Mercado Editorial”, “Olimpíada”, “Palestina”, “Primavera Árabe”, “Psiquiatria”, “Coreia do Norte”, “EUA”, “França” e “Irã”. Dentre essas, as que mais aparecem são: “Crítica” (debates sobre livros que tem como tema crítica cultural), “Ensaio” (debates de caráter ensaístico sobre literatura, biografias e problemas sociais diversos), “Entrevista” (um jornalista entrevista outros jornalistas, acadêmicos, artistas, intelectuais, etc.), “Inédito” (trechos de livros que ainda não foram lançados), “Reportagem” (aborda desde a relação entre arte e sociedade a problemas sociais e eventos históricos diversos) e “Ciência” (avanços tecnológicos e descobertas nas áreas de Ciências Biológicas e Engenharias).

3. Metodologia

A motivação para essa pesquisa se deu a partir da leitura de trabalhos como “O discurso cultivado sobre a arte” de Louis Pinto (2019) e de “A Distinção” de Pierre Bourdieu (2017). No Brasil, as análises de Bourdieu tem servido como inspiração para vários pesquisadores na área da Sociologia da Cultura, como Carolina Pulici (2011), Camila Gui Rosatti (2019), Edison Bertencelo (2019) e Heloisa Pontes (1996). Sua linha teórica geral repousa na concepção de que práticas, costumes, gostos e preferências estéticas dizem tanto sobre nossa sociedade quanto sobre nossa “individualidade”. Essas características ocultam e revelam relações de poder menos evidentes e nos possibilitam compreender como “as diferentes modalidades de percepção e apreensão dos bens simbólicos vinculam-se estreitamente às propriedades sociais de seus portadores” (PULICI; FERNANDES, 2019,

p.28). Diversas abordagens e campos de pesquisa podem e foram estudados em diálogo com esse esquema analítico, como o jornalismo, a moda, a música, a gastronomia e a arquitetura.

Talvez como justificativa, mas principalmente como um alerta, Pierre Bourdieu expõe como essa abordagem sociológica é indispensável para uma melhor compreensão da realidade:

Tentar apreender as regras do jogo da divulgação e da distinção segundo as quais as classes sociais exprimem as diferenças de situação e de posição que as separam, não significa reduzir todas as diferenças, e muito menos a totalidade destas diferenças, a começar por seu aspecto econômico, a distinções simbólicas, e muito menos reduzir as relações de força a puras relações de sentido. Significa optar por acentuar explicitamente, com fins heurísticos, ao preço de uma abstração que deve revelar-se como tal, um perfil da realidade social que, muitas vezes, passa despercebido, ou então, quando percebido, quase nunca aparece enquanto tal (BOURDIEU, 2015, p.25).

Seguindo essa abordagem, podemos interpretar, por meio de um jornal de São Paulo que se propõe a falar sobre cultura, diferentes modalidades de percepção dos bens simbólicos. Com o propósito de observar as relações entre as propriedades dos produtores de conteúdo, os temas abordados e a forma da abordagem, foram selecionadas 50 edições da “Ilustríssima” do ano de 2012 foi construída uma planilha sobre os atributos dos produtores de conteúdo e os temas. Nessa planilha, constavam também as sinopses sobre as matérias. A abordagem sobre os temas foi observada a partir dessas sinopses e de uma análise qualitativa sobre o conteúdo das matérias. Foram analisadas ao todo 322 matérias.

Entre as seções que compõem a Ilustríssima e que foram mencionadas no capítulo anterior, foram coletadas as informações sobre os temas e os atributos dos produtores de conteúdo das matérias publicadas em todas as seções, exceto a seção “Ilustríssima Semana” e “Diário de...”. A “Ilustríssima Semana”, como já foi dito, é uma agenda cultural e reúne indicações sobre bens culturais lançados recentemente, e a seção “Diário de...” segue o mesmo modelo, mas trata da agenda cultural de uma outra cidade que não São Paulo.

Durante a coleta, surgiram as primeiras dúvidas, pois o modo como iria selecionar e categorizar os dados poderia distorcer a ideia e o tipo de fonte que o caderno apresenta. Essa pode ter sido a parte mais delicada da pesquisa, pois a organização dos dados em categorias

poderia gerar interpretações prematuras. Metodologicamente o texto “O discurso cultivado sobre a arte: O ‘Musée Égoïste’ do *Nouvel Observateur*” de Luis Pinto (2019) foi de grande ajuda por trabalhar em uma área parecida, uma revista semanal francesa sobre arte. Os dados coletados foram: nome do autor, idade, gênero, os atributos através dos quais eles foram apresentados, título da seção na qual a matéria foi publicada (tema), título da matéria, e sinopse (a sinopse consta no próprio caderno). Devido à preferência por dados que tivessem sido produzidos pelo próprio caderno, não pude observar a recorrência da identificação quanto a cor/raça, pois esse não era um atributo apresentado pelo suplemento.

Figura 4 - Exemplo da estrutura das matérias

REPORTAGEM

RESUMO Livros denunciavam ação de falsário brasileiro radicado em Paris que, no século passado, teria falsificado importantes obras do Império, atribuindo-as a Debret e Pallière. Vendidas a colecionadores, algumas dessas falsificações foram parar em museus como o Imperial, de Petrópolis, e Castro Maya, no Rio.



MARCELO BORTOLOTTI

EM 2001, UM ÓLEO da francês Julien Armand Pallière (1784-1862), “Retrato de Amélia de Leuchtenberg”, foi posto à venda nos EUA pela Christie’s, a maior casa de leilões do mundo.

Era uma obra atraente para colecionadores e museus brasileiros —d. Amélia foi mulher de d. Pedro I, e Pallière, um dos pintores-viagentes que melhor retrataram o Brasil no século 19.

“Era uma obra rara como documento histórico relacionado à chegada da segunda imperatriz ao Brasil”, diz Maria de Lourdes Horta, ex-diretora do Museu Imperial de Petrópolis, que conduziu a compra do quadro por US\$ 30 mil (cerca de R\$ 53 mil à época, o equivalente a R\$ 65 mil). A pintura mostrava uma mulher de costas —a imperatriz podia ser reconhecida apenas pelo penteado.



Falsificações de Heymann vendidas ao Museu Imperial de Petrópolis como se fossem retratos da imperatriz

5 Falsário legítimo

Heymann e os quadros fajutos do Brasil Império

Fonte: *Ilustríssima*, 22 de Janeiro de 2012, on-line.

Figura 5 - Planilha com atributos e temas

Nome	Gênero	Id.	Atributo 1	Atributo 2	Atributo 3	Atributo 4	Faixa	Área Princi	Especial	Tema	Opinião
Adriana Kuchler	Mulher	31	Repórter da	(vazio)	(vazio)	(vazio)	30	Jornalismo	(vazio)	Entrevista	Tendência no mercado editorial e na cultura corporativa, a
Afonso Luz	Homem	36	Critico de ar	Gestor cultur	Diretor do es	(vazio)	30	Critico cultura	Critico de	(vazio)	(vazio)
Ai Weiwei	Homem	55	Artista	Ativista chinê	(vazio)	(vazio)	50	Artista	Ativista	Olimpiada	O artista e dissidente chinês elogia a autenticidade da ceri
Alan Pauls	Homem	52	Escritor arge	Autor de "His	Autor de "O p	(vazio)	50	Escritor(a)	(vazio)	Inédito	Matéria retirada de postfácio de Alan Pauls para "Mrs. Dall
Albert Camus	Homem	X	Escritor fran	Ensaista	Dramaturgo	Vencedor	X	Escritor(a)	(vazio)	Inédito	Manifesto de Albert Camus só veio a ser publicado em 20.
Alberto Martins	Homem	53	Escritor	Artista plástico	Editor da edit	Autor de	50	Escritor(a)	Artista Plá	Arquivo Aberto	Alberto Martins conta sobre Gastão Frazão, amigo de seu
Alejandro Zambra	Homem	36	Chileno	Autor de "Bo	(vazio)	(vazio)	30	Escritor(a)	(vazio)	Imaginação	(vazio)
Alex Bellos	Homem	?	Autor de "Ale	(vazio)	(vazio)	(vazio)	?	Escritor(a)	(vazio)	Ciência	O autor procura mostrar como a matemática é relevante n
Alexandre Barbosa	Homem	39	Autor de "Az	(vazio)	(vazio)	(vazio)	30	Escritor(a)	(vazio)	Imaginação	(vazio)
Alexandre Eulálio	Homem	X	Acaba de ter	(vazio)	(vazio)	(vazio)	X	Escritor(a)	(vazio)	Imaginação	(vazio)
Alexandre Gonzalez	Homem	29	Repórter	Revista fran	(vazio)	(vazio)	20	Jornalismo	(vazio)	Esporte	Símbolo do Barcelona por uma década, Josep Guardiola f
Alfred Tennyson/Sté	Homem	X	Expoente da	(vazio)	(vazio)	(vazio)	X	Escritor(a)	(vazio)	Imaginação	(vazio)
Alfredo Bosi	Homem	75	Critico literár	Editor da rev	(vazio)	(vazio)	70	Critico cultura	Critico lite	Literatura	Nesta matéria que é parte de livro recém lançado o autor t
Allan Sieber	Homem	40	Cartunista	Publicou "É t	(vazio)	(vazio)	40	Desenhista	Cartunista	Arquivo Aberto	Allan Sieber conta sobre sua relação com Fausto Wolff.
Alvaro Costa e Silva	Homem	48	Jornalista	(vazio)	(vazio)	(vazio)	40	Jornalismo	(vazio)	Carnaval	História da revista "manchete" e sua cobertura sobre os c
										Diário	Divulgação da exposição, na Cinelândia, "6B: Desenho Cr
											Falta de cuidado com prédios históricos do centro do Rio;
											Indicações gastronômicas no centro do Rio de Janeiro, di
											Lançamento de livro que conta o início da comédia de cos

Fonte: Planilha elaborada com os dados do Acervo Folha.

Após a organização dessas informações em uma planilha foram criadas novas categorias com o intuito de uma melhor organização e compreensão desses participantes. As categorias “área de atuação” e “especialização” buscam situar esses indivíduos em grupos, como por exemplo um autor que é “repórter da Ilustríssima” entra na categoria “área de atuação” de “jornalismo”. Os dados para a constituição dessas categorias foram organizados por meio dos atributos presentes na seção “Ilustríssimos”. Esse ordenamento facilitaria a compreensão das relações, tanto de posição social quanto de escolha e abordagem temática. Dados como a numeração, título e edição das matérias contribuíram apenas com a organização da planilha, facilitando a busca por informações. Sobre as características gerais desses indivíduos foi possível a construção de gráficos sobre a frequência de certas faixas etárias e gênero, entre outros.

Para a análise das narrativas foram levantadas algumas questões: o tema escolhido (podemos tomar como exemplo “fotografia”); a perspectiva abordada (como a história da fotografia no Brasil ou fotojornalismo de guerra) e o tipo de tratamento dado ao tema (por exemplo, uma perspectiva interna e técnica sobre a fotografia, ou uma abordagem que a

relacione com um contexto social e histórico); e a construção do texto (uma narrativa com tom pessoal ou íntimo, ou baseada em um conhecimento acadêmico sobre o assunto, etc.). A ideia é compreender se a escolha de uma jornalista e de um professor de história da USP sobre um mesmo tema diferem quanto a sua abordagem, indicando diferentes características sociais, no caso, gênero, idade e categoria profissional.

4. A cultura e seus autores

O nome do caderno já é um forte indicativo do que será exposto sobre seu conteúdo mais adiante. Se procurarmos o significado da palavra “ilustre” podemos encontrar: algo que se distingue pelo brilhantismo, por qualidades dignas de louvor; algo célebre e notável. Uma pessoa “ilustre” é, de acordo com o dicionário Michaelis (ILUSTRADO, 2021), quem “tem ilustração; culto; instruído; sábio”. Nesse sentido o nome “Ilustríssima” do caderno, qualifica tanto o seu “notável” conteúdo produzido por pessoas “ilustres”, quanto seus distintos leitores.

Nessa concepção de distinção por meio do conhecimento e cultivo de si, podemos nos lembrar da discussão de Norbert Elias (1990) sobre a oposição entre *Zivilization* e *Kultur*: na Alemanha do século XVIII, enquanto a corte utilizava as boas maneiras, a etiqueta e a arte da conversação como meios de distinção, a burguesia alemã encontrou no cultivo do intelecto o meio de se auto legitimar. A aproximação do campo cultural e intelectual valoriza aquele que o domina, e o caderno *Ilustríssima*, por meio de “narrativas de alta qualidade”, permite justamente isto: a busca pelo cultivo de si.

Este é o espaço de análise dos discursos sobre cultura. Um espaço privilegiado pela sua dimensão e característico pelos seus leitores. Também é fundamental compreendermos quem cria e apresenta os conteúdos deste caderno, ao passo que, como será apresentado adiante, as posições que ocupam no debate público sobre cultura estão diretamente relacionadas com os conteúdos das edições.

4.1 Ilustríssimos

Como o próprio caderno apresenta, os "Ilustríssimos" são todos aqueles que contribuíram para a produção da edição, desde cartunistas, tradutores e editores até os próprios autores das seções.

Antes de mais nada, vale ressaltar que, durante a coleta de dados, apenas aqueles que escreveram diretamente na edição foram considerados para a análise; em outras palavras, diversas seleções seriam possíveis mas o recorte se restringiu aos produtores de conteúdo escrito: os autores das matérias, selecionados tanto aqueles que escreveram diretamente para a Ilustríssima como jornalistas e professores, quanto indiretamente, nesse caso por meio da publicação de trechos de suas obras como na seção "Inédito". O foco da análise foi sobre as produções escritas, os temas e os recortes temáticos selecionados.

É importante frisar que todos aqueles que escreveram na Ilustríssima são produtores culturais, no sentido de que são agentes que contribuíram com a construção dessa representação de cultura, mas optei por reunir sob a categoria "produtores culturais" os artistas na área de música, artes plásticas, fotografia etc., por oposição aos jornalistas e acadêmicos. As categorias elaboradas, como "área de atuação" e "especialização", procuram mostrar como essas propriedades sociais aproximam em grupos esses participantes e respectivamente suas abordagens nas edições.

As fronteiras entre os três principais grupos sociais (produtores culturais, jornalistas e acadêmicos) que serão apresentados não são fixas, e em alguns casos compartilham os agentes. Como exemplo podemos tomar o caso que será mais citado: os acadêmicos e jornalistas. Em poucos casos, (para ser mais exato apenas 4) pessoas que são apresentadas ou como professores universitários, ou como mestrandos e doutorandos, mantêm relações profissionais também com a área do jornalismo. Eles estão portanto tanto na categoria de jornalistas quanto de acadêmicos. A circulação dessas pessoas não se restringe apenas a uma categoria e seria metodologicamente errônea a escolha arbitrária entre um ou outro grupo de profissionais. Uma vez que os jornalistas constituem o maior grupo de profissionais do caderno, eles são também aqueles que mais participam de outro grupos, como jornalistas que

são mestrandos, músicos e escritores, por exemplo. Por fim, as particularidades dessas exceções entre grupos serão destacadas.

Em cada edição, um espaço na segunda página é reservado à apresentação dos participantes, intitulado “Ilustríssimos Desta Edição”. Ali são revelados a idade, formação, área de atuação, seus livros publicados e suas nacionalidades - quando não são brasileiros. Foi deste espaço que foram retiradas todas as informações sobre os participantes, e cabe apontar que a seleção feita pela Folha sobre as características que serão apresentadas está diretamente relacionada com a percepção de sua legitimidade para abordar os temas que serão assunto de sua matéria. Assim, em uma matéria sobre a falsificação de pinturas, o que será ressaltado como atributo do contribuinte é o seu diploma de História da Arte e sua especialidade. Ou seja, esses atributos não são meras informações, mas antes de tudo credenciais de legitimidade que autorizam a contribuição do produtor do conteúdo e valorizam o jornal, como um espaço de difusão de conteúdos bem fundamentados.

A coleta de informações sobre os produtores de conteúdo através de outros meios poderia ocasionar uma distorção, uma vez que não seria possível encontrar a mesma profusão de informações sobre todos eles. Além disso, o objetivo aqui era justamente tratar como um objeto de pesquisa os próprios atributos selecionados pela Ilustríssima como relevantes na apresentação dos Ilustríssimos. Podemos apenas observar algumas relações gerais entre gênero, idade, categoria profissional, e tratamento dos temas, de forma a compreender em linhas gerais a concepção de cultura expressa na Ilustríssima e a maneira como esses agentes contribuem desigualmente para o resultado final do caderno.

Ao longo do ano de 2012, 225 pessoas produziram matérias para a Ilustríssima. Entre elas, cerca de 20 pessoas produziram 4 matérias ou mais ao longo do ano, sendo responsáveis por uma maior porcentagem do conteúdo do caderno em relação ao restante dos Ilustríssimos. O que essas 20 pessoas têm em comum é sua relação profissional com diferentes áreas dentro do jornalismo. De fato, quem ocupa com maior frequência as páginas da ilustríssima são editores, jornalistas, repórteres, colunistas e correspondentes. A maioria destes participantes frequentes é composta por autores de livros (informação que é ressaltada em sua apresentação na seção “Ilustríssimos Desta Edição”) e em alguns casos, para além de suas contribuições para o jornal, também lecionam em universidades de prestígio como a FGV, USP, Sorbonne (Paris) e Musashi (Tóquio) em disciplinas que se aproximam às "humanidades" e que

justificam as suas contribuições para as matérias, sendo por exemplo professores de filosofia, história e sociologia. Isso indica uma forte relação com a escrita. É portanto essa a principal característica que proporciona a autoridade para falar sobre assuntos variados do universo cultural e artístico do qual eles não fazem parte (pelo menos à primeira vista) por não serem nem produtores culturais e nem especialistas.

A divisão dos participantes por gênero é de 169 homens e 54 mulheres. De um certo modo, isso surpreende, visto que historicamente o universo das artes, associado às emoções e sensações (em oposição ao mundo da racionalidade masculino), é um pouco mais aberto às mulheres; esperaríamos, assim, uma distribuição um pouco mais igualitária. Surpreende, também, visto que a maior parte dos leitores da Ilustríssima é composta por mulheres. Proporcionalmente podemos afirmar que a distribuição por gênero dos participantes foi similar entre as diversas categorias profissionais representadas ali.

Além disso, vale ressaltar que nem sempre os Ilustríssimos pertencem a apenas uma categoria profissional, como é o caso de professores do ensino superior que simultaneamente são colunistas e correspondentes da Folha. As duas maiores categorias profissionais representadas nas páginas da Ilustríssima são os jornalistas e aquelas pessoas que foram apresentadas simplesmente como autoras de livros - categorizadas aqui como “escritores”. Proporcionalmente a distribuição entre as três principais áreas de atuação comparando os gêneros foram similares: entre todas as mulheres que escreveram no caderno, 34% são jornalistas, enquanto que entre todos os homens, 38% são jornalistas; aqueles que lecionam em universidades são 6% entre as mulheres e 9% entre os homens, e os escritores representam 35% das mulheres e 36% dos homens.

O interessante é que a porcentagem daqueles que são produtores culturais em áreas que não possuem necessariamente uma relação íntima com a escrita, como fotógrafos, atores, artistas e músicos é bem baixa se considerarmos que se trata de um caderno que se propõe a falar de cultura. Isso indica que o atributo da escrita é mais determinante para a seleção dos participantes do que a experiência como artista, o que faz sentido se pensarmos que o caderno visa oferecer sobretudo “narrativas de alta qualidade” e “ensaios densos”.

Outro ponto é que aqueles que são apresentados como produtores culturais, como fotógrafos, artistas e atrizes, contribuem de forma diferente em comparação com os

acadêmicos e críticos especializados. Aqueles que têm suas titulações e origem acadêmica destacadas, assim como críticos especializados em literatura e arte que são apresentados como tal, contribuíram principalmente para matérias de cunho ensaístico e crítico, elaborando argumentos de interpretação da realidade social e histórica de variadas áreas. Por outro lado, os produtores culturais cujo atributo destacado não era a formação acadêmica nem a relação com o jornalismo (tal como escritores, fotógrafos, artistas plásticos, atores, diretores de cinema e de teatro, etc.) pouco produziram nesse sentido, e em sua maioria contribuíram com a publicação de trechos de seus livros e principalmente com lembranças e experiências na seção “Arquivo Aberto”. Entre os produtores culturais, apenas 17% escreveram conteúdos na forma de ensaio crítico, enquanto que 54% dos críticos especializados e dos acadêmicos produziram esse tipo de conteúdo. Além disso, vale destacar que, nos poucos casos em que produtores culturais escreveram matérias ensaísticas ou críticas, eles atuavam também em outras áreas como professores universitários ou repórteres. Isso indica que a contribuição desses produtores culturais se dá quase apenas no campo dos relatos de experiências; e vale ressaltar que se frequentemente esses produtores já são figuras conceituadas, são ainda mais frequentes os casos em que eles relatam anedotas e lembranças que ilustram sua intimidade com outras figuras célebres no meio cultural, acadêmico e político. Essas histórias não somente comprovam as relações de afinidade entre essas figuras reconhecidas, como também aproximam o leitor desses personagens (artistas, músicos e cineastas) tão distantes da realidade da maior parte do público.

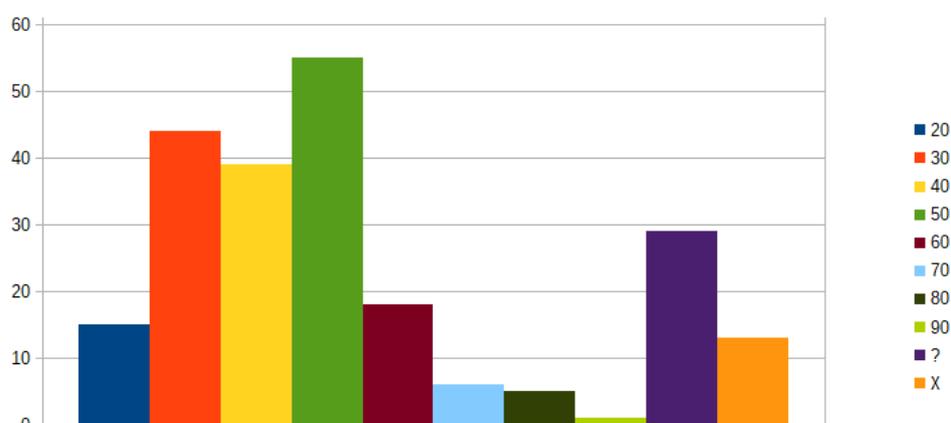
Outra característica levantada é a faixa etária dos participantes. Vale destacar que em alguns casos não há informação sobre a idade, ou trata-se de uma participação póstuma, quase sempre de autores internacionalmente consagrados, como Albert Camus ou Isaac Bâbel, os quais têm trechos de suas obras publicados no caderno. A publicação desses autores no caderno não é mera celebração de suas qualidades artísticas, mas é também simbolicamente a valorização do espaço ao associar-se a essas pessoas já consagradas. O prestígio desses autores contribui portanto para o prestígio do caderno.

Ainda sobre as nacionalidades, 58 (25%) dos participantes não são brasileiros e trechos de seus livros e matérias jornalísticas compõem algumas das edições da Ilustríssima. A maioria desses autores são europeus (principalmente britânicos) e norte-americanos.

Como mostra o gráfico abaixo, há um predomínio da faixa etária entre 30 e 50 anos, correspondendo a 75% dos participantes que tiveram suas idades informadas. Aqueles abaixo dos 30 anos são todos jornalistas e escritores, e tendem a abordar temas variados, não se restringindo a uma área de especialidade. Podemos levantar a hipótese de que eles são recém formados, iniciando suas carreiras e ainda sem especializações, estando provavelmente mais abertos a variados temas. Em oposição, os produtores de conteúdo acima dos 60 anos representam uma minoria, e as categorias profissionais estão melhor distribuídas: não há uma profissão que se destaque nesse grupo. Além disso, essas pessoas costumam escrever sobre temas bastante específicos, e não costumam abordar temas que fujam da sua área de especialidade. Podemos ainda acrescentar que muitos deles já “fizeram o nome”, sendo reconhecidos em suas áreas de atuação, como por exemplo o filósofo esloveno Slavoj Žižek ou a quadrinista Laerte Coutinho. Um caso de especialização dos jornalistas experientes é o do conceituado jornalista Juca Kfoury, de longa trajetória no jornalismo esportivo paulista.

Porém, devemos nos lembrar que uma vez que uma mesma pessoa costuma escrever várias matérias enquanto outra escreve apenas uma, o fato de que predominam os participantes entre 30 e 50 anos não significa que as pessoas que mais escreveram pertençam a essa faixa etária. Na verdade, a maior parte das matérias foi escrita por pessoas entre 40 e 50 anos, sendo os autores de mais da metade de todas as matérias, mais precisamente de 58%. Aqueles mais jovens, na faixa dos 20 anos, e aqueles acima dos 60 anos, escreveram apenas 20%.

Figura 6 - Faixas etárias dos participantes



Fonte: Gráfico de elaboração própria (2021), resultado dos dados da planilha.

4.2 A Boa Cultura

Foram reunidas 322 matérias da Ilustríssima do ano de 2012. A questão aqui é observar o que se encontra no caderno, quais temas e como são apresentados, para compreendermos a concepção de cultura expressa nas páginas da Ilustríssima. O primeiro ponto que podemos ressaltar é que os conteúdos são diversificados e não se atém apenas a assuntos imediatamente “artísticos”, mas também a temas culturais de maior amplitude como história do Brasil, medicina, relações internacionais e futebol. Como é de se esperar os assuntos abordados são influenciados pelos acontecimentos semanais e mensais, como a data da morte de um grande escritor ou o lançamento de um livro.

A literatura é o tema mais debatido nas edições. Diferentes modos de se falar dela foram utilizados. O interessante é o destaque dado à prática da leitura e à produção literária. Matérias como a crise dos livros de autoajuda, a cultura da leitura no Brasil e as mudanças no cenário literário brasileiro são exemplos de abordagens “externas”, interpretações da relação da leitura com as pessoas. Algumas outras matérias abordam os enredos e personagens dos livros. Mas a grande maioria foca em biografias, trajetórias dos autores e suas contribuições para movimentos literários. Os autores retratados são em sua maioria consagrados nacional e

internacionalmente, como Machado de Assis (que é o autor mais abordado no caderno), Carlos Drummond de Andrade, James Joyce e Vladimir Nabokov.

A música foi um tema pouco abordado na *Ilustríssima*. Textos sobre músicos apareceram apenas uma vez na seção “Arquivo Aberto”, que traz relatos de experiências pessoais com tom mais intimista, como já foi comentado. Nas outras seções do caderno, foram publicadas apenas 5 matérias sobre música no decorrer das 50 edições analisadas. Entre essas 5 matérias, 3 tinham como tema a ópera e a música clássica, abordadas através de turnês e shows no Brasil e na Inglaterra, e colocam em questão os dilemas da popularização destes tipos musicais. Interessante notar que uma dessas matérias busca explicar o papel do regente nas orquestras e o significado de seus movimentos. Ou seja, o caderno não considera que esse tipo de conhecimento é algo evidentemente compartilhado de forma naturalizada entre os seus leitores, e parece oferecer uma educação do tipo “escolar” (BOURDIEU, 2017) a um público que estaria interessado em se apropriar desse tipo de informação. A quarta matéria sobre música apresentada na *Ilustríssima* teve como tema o cantor Bob Dylan, e o foco é sua trajetória e o início de sua carreira. A quinta matéria abordou o tema das escolas de samba do Rio de Janeiro, a questão central é a forma de financiamento e patrocínio e suas disputas. Na seção “Arquivo Aberto”, o único texto sobre música trata do cantor Caetano Veloso, e debate seus posicionamentos políticos durante a ditadura. Podemos observar, portanto, que apenas as matérias sobre música clássica e ópera colocam em questão a técnica musical a partir de uma perspectiva interna (e uma delas, com tom até mesmo pedagógico), enquanto que todos os outros textos, que abordam figuras do rock, da MPB e do samba adotam uma perspectiva externa que busca analisar seus respectivos temas como fenômenos socioculturais.

Sobre outros tipos de arte, a maioria se encontra em artes plásticas e pictóricas. Assim como nos outros casos, quase todos os artistas já são consagrados tanto no Brasil, como Lasar Segall, Hélio Oiticica e Lygia Clark; e internacionalmente como Caravaggio, Ai Weiwei. Apenas em Ai Weiwei o foco da matéria foi sua conturbada vida como artista e ativista chinês, enquanto que nas outras matérias o foco é a história da arte e a técnica artística.

Sobre o conteúdo geral da *Ilustríssima*, pouco mais da metade das matérias trataram de temas sociais e culturais: como a situação política de outros países (principalmente questionando a ausência de valores democráticos nessas nações), sobre descobertas

científicas, avanços tecnológicos e esportes como as olimpíadas e o futebol. A grande quantidade de textos sobre a sociedade pode esclarecer a presença maciça de jornalistas.

Sobre o universo cultural propriamente artístico, o que se percebe é que a concepção de cultura da “Ilustríssima” é fortemente relacionada às artes já consagradas e tidas tradicionalmente como “arte”. Não há muita atenção a outras artes que só nas últimas décadas começaram a se legitimar, como moda, gastronomia, design etc. Como já foi dito, a literatura e a pintura são as mais comentadas, seguidas de cinema e música como temas de 13 matérias. Sobre o cinema, as matérias se debruçam tanto na história de vida de cineastas quanto em técnicas de produção. Sobre essas biografias, as matérias se concentram na seção “Arquivo Aberto” enquanto sobre o cinema em si surgem temas como curta metragens, cinema gay e um documentário sobre o holocausto. Por fim fica o destaque para a fotografia, tema quase completamente esquecido, tendo sido tratado em apenas uma matéria, sendo que o seu foco é no fotojornalismo de guerra.

4.3 Experiências de Destaque

Na seção “Arquivo Aberto” são contadas lembranças de viagens e relatos de experiências, de amizades e de momentos marcantes na trajetória dos autores, em sua maioria de modo intimista, nas quais “o autor que se julga digno do interesse do outro se coloca, ao menos implicitamente, como portador de experiências ricas e delicadas”. (PINTO, 2019, p.141) Os assuntos mais frequentes são as relações dos autores com figuras consagradas, intelectuais, artistas, jornalistas ou políticos; e por isso é uma das seções mais caracterizantes deste caderno. São experiências que, na percepção dos produtores de conteúdo do caderno, valem a pena ser contadas por seu valor simbólico, por aproximarem o escritor e o próprio leitor dessas figuras de destaque.

Um exemplo bastante significativo é o relato do antropólogo da USP João Baptista Borges Pereira na edição número 30.237. A história se passa em outubro de 1993, e conta sobre um dia em que o autor estava à procura de um certo texto. Acreditando que seu ex-professor Florestan Fernandes poderia tê-lo, foi visitá-lo em sua casa:

Procurei Florestan, então meu amigo fraterno e vizinho, em sua casa terrea na rua Nebraska. Sua biblioteca, usurpando o espaço que seria do carro, ocupava a ampla garagem da casa. Expliquei o motivo da visita, e Florestan respondeu de pronto: “o autor se enganou. Esse texto está comigo e nunca foi publicado. Espere que vou localizá-lo”.

Abriu uma das dezenas de gavetas de um móvel de madeira maciça, uma espécie de arquivo (hoje incorporado ao acervo Florestan Fernandes, na Universidade Federal de São Carlos). Lá estava o texto, todo anotado com tinta roxa (a predileta do professor). “Já o usei exaustivamente; pode levá-lo”.

Antes que eu me levantasse da poltrona localizada ao fundo da biblioteca e escondida atrás de montanhas de livros, para receber o texto, fomos surpreendidos pela entrada inesperada, um tanto agitada, de Fernando Henrique Cardoso. Prestes a dizer algo a seu também ex-professor, o então ministro da Fazenda notou minha presença. A fala ficou no ar. Silêncio constrangedor.

Preparava-me para deixar a biblioteca quando Florestan encontrou a saída que denunciava o alto grau de intimidade entre ambos, apesar de filiados a partidos diferentes e até antagônicos (FHC foi fundador do PSDB, ao passo que Florestan foi um dos intelectuais fundadores do PT). “Fernando, vamos entrar. Tomamos café, conversamos e você pode cumprimentar Miriam.” E, voltando-se para mim: “vá lendo o texto, daqui a pouco conversamos”.

Quase uma hora depois, retornou. Olhou-me preocupado: “Sabe por que Fernando veio me procurar?”. Falei que não fazia ideia. “Imagine você que Fernando veio me comunicar que vai se candidatar à Presidência da República, com o apoio certo do presidente Itamar Franco. (...)” (FOLHA, 2012)

Diversos elementos podem ser destacados aqui, nesse relato que ilustra de modo tão nítido o tom intimista da seção “Arquivo Aberto”. João Baptista se coloca em uma relação íntima com Florestan Fernandes, sociólogo que entrou para o cânone das Ciências Sociais no Brasil. Florestan era não somente seu ex-professor, mas também seu “amigo fraterno e vizinho”, a tal ponto que poderia visitá-lo sem ser convidado. O autor nos apresenta, então, um espaço cheio de livros e móveis maciços, que ocupa significativamente o lugar que em outras casas seria ocupado pelo carro, simbolizando a hierarquia entre os bens de consumo que é distintiva desse meio social. De maneira aparentemente despretensiosa, comenta que o arquivo em madeira maciça que compunha ali um ambiente familiar para ele foi posteriormente preservado no Acervo Florestan Fernandes, colocando a si mesmo como testemunho de acontecimentos que marcariam a história das Ciências Sociais. Comenta ainda, de passagem, a cor preferida de caneta do professor, e o fato de que se tratava de um texto não publicado, acessível a apenas um pequeno círculo privilegiado. A entrada de Fernando Henrique Cardoso contribui para construir um cenário do qual João Baptista emerge conectado a figuras importantes na história do Brasil, pois tanto ele como FHC são ex-alunos de Florestan Fernandes. Após o relato sobre a intimidade entre FHC e o professor,

completa sua narrativa falando sobre como presenciou, de maneira tão cotidiana e corriqueira, um momento que marcaria a política brasileira: o lançamento de FHC como candidato à Presidência da República.

A primeira impressão é que seria uma coincidência esse encontro triplo, mas em seguida a ideia que se passa é a de que, assim como em outras histórias, as pessoas que circulam, se encontram e constroem relações de amizade, são de um grupo bem restrito, pode-se dizer, de uma elite intelectual. Eric Hobsbawm, Sérgio Buarque, Antonio Candido, Zigmunt Bauman, Gilberto Freyre e Giorgio Agamben são exemplos de histórias contadas por familiares, amigos e vizinhos. São relatos distintivos, ao passo que representam um grupo de intelectuais bem específico, representativos para as ciências sociais.

Também temos as histórias de escritores como Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade, Guimarães Rosa, Raduan Nassar e Walter Campos de Carvalho, em sua maioria representantes de uma literatura engajada em expor a realidade social do Brasil, e a cujas obras é atribuído considerável valor acadêmico. O fundamental aqui é a proximidade, a coerência que existe entre os relatos, todos de um universo cultural específico, que indicam experiências de certos perfis sociais que se distinguem por sua posse de um elevado capital cultural e sua relação com o campo acadêmico. Podemos pensar nessa questão por meio de pesquisas como a de Raymond Williams (2011) sobre o Círculo de Bloomsbury e a pesquisa sobre o grupo Clima de Heloisa Pontes (1997). Tanto o Círculo de Bloomsbury quanto os intelectuais que formariam o grupo Clima pensavam em sua ligação como tendo origem sobretudo em vínculos de amizade, e portanto não consideravam a si mesmos como representantes de um grupo social. Porém, percebemos que nos dois casos, trata-se de pessoas que possuíam uma relação íntima com a universidade e com o campo cultural em geral. Pensando também na discussão de Bourdieu (2017) sobre as “afinidades eletivas”, podemos perceber que as relações que à primeira vista parecem mera amizade ou afinidade também se relacionam às disposições produzidas pela experiência duradoura de uma determinada posição social, e à possibilidade e disposição para circular em certos espaços (como a universidade e o meio artístico) que surge a partir daí. Essas anedotas em tom intimista publicadas na seção “Arquivo Aberto” atestam e constroem, assim, o compartilhamento entre leitores, produtores de conteúdo e figuras célebres, de um tipo de experiência cultural mais ou menos homogênea. O tipo de experiência relatada na seção “Arquivo Aberto”, portanto,

confere um ar descontraído à presença da arte: simultaneamente, são mostradas, por um lado, uma pessoa concreta vivendo em contato com o sagrado e, por outro, uma arte de algum modo humanizada, inscrita na vivência de um indivíduo sincero, comovente. (PINTO, 2019, p.143)

Sobre a produção artística no Brasil poderiam ter sido contadas tantas histórias, mas foram escolhidas aquelas que tratam de Hélio Oiticica, Caetano Veloso e Gilberto Gil. Aqui as afinidades não são meras “afinidades”: elas nos aproximam de figuras consagradas em diversas esferas da cultura, ao relatar seus trejeitos, manias e tiques; suas virtudes e defeitos.

5. Trajetória e opinião

Quando observamos todos os participantes e suas matérias no caderno percebemos que existem temas e formas de abordagem características de acordo com suas áreas de atuação e especializações. Até agora, analisamos os atributos dos “Ilustríssimos” e os temas e abordagens que aparecem com mais frequência nas páginas da Ilustríssima. O objetivo deste capítulo é retomar essas análises de modo a compreender como esses elementos se relacionam. Como será mostrado adiante, podemos organizar esses participantes em grupos, nos quais o compartilhamento de certos atributos, principalmente de categoria profissional, tende a produzir maneiras características de abordar a cultura.

5.1 Jornalistas

O grupo responsável pela maior parte do conteúdo da *Ilustríssima* (155 autores responsáveis por 231 matérias) é composto sobretudo por jornalistas profissionais, que em apenas alguns casos mantêm vínculos profissionais com universidades (e nesse caso, trata-se de universidades de prestígio, principalmente de São Paulo). A maior parte desse conteúdo tem a forma de entrevistas e reportagens. Muitas de suas matérias abordam temas políticos e problemas sociais no geral (um dos temas que mais apareceu no ano de 2012 foi a ditadura militar brasileira e debates relacionados à origem do autoritarismo e às forças armadas brasileiras).

Poucas foram as matérias produzidas sobre artes e nesses casos seu foco era principalmente na biografia de personalidades específicas, seja sob a forma de textos que trazem as trajetórias dessas figuras, ou sob a forma de entrevistas. Ou seja, esse grupo raramente escreve textos avaliativos e apreciativos (isto é, a partir de uma perspectiva interna) sobre qualquer campo artístico. Isso é bastante relevante, pois compreendemos a partir daí que embora a *Ilustríssima* seja um caderno cultural, as matérias que abordam as artes a partir de uma perspectiva interna ou propriamente artística são minoritárias. A agenda cultural e a seção “Imaginação”, que como já dissemos, traz sempre um trecho de alguma obra literária, dão o formato de um caderno que propõe tomar como tema a “cultura” como uma esfera específica do mundo social, mas a maior parte das matérias da *Ilustríssima* trata de problemas sociais mais amplos e trajetórias de figuras célebres no mundo artístico, acadêmico, intelectual, político etc., a partir de uma perspectiva predominantemente externa ao mundo das artes.

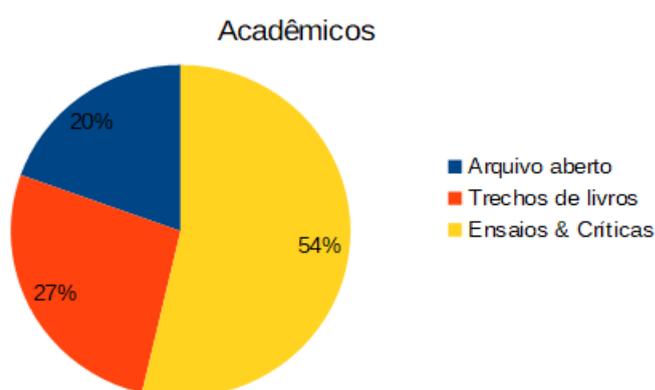
O principal neste grupo é a generalidade dos temas, com a exceção dos universitários que utilizaram um tom mais claramente interpretativo em suas matérias a partir de suas áreas de especialização. A legitimidade das matérias dos jornalistas, editores e colunistas que não têm vínculo com a universidade é dada pela fonte, ela sim inserida em debates culturais específicos e portanto com autoridade para expressar-se. Aqui suas matérias “mantêm um discurso sobre uma obra cuja lógica reside toda no esforço em substituir os critérios internos de avaliação propriamente estética pelos critérios externos” (PINTO, 2019, p.141), critérios esses mais próximos às suas áreas de conhecimento.

5.2 Acadêmicos

O segundo grupo (33 autores responsáveis por 52 matérias) que mais produziu conteúdo para a Ilustríssima é composto por acadêmicos. Trata-se daqueles que tiveram seus diplomas e cargos acadêmicos ressaltados, e são estudantes de pós-graduação e professores de ensino superior de cursos de letras, filosofia, história, sociologia e antropologia, todos vinculados a universidades de prestígio já mencionadas.

Junto dos acadêmicos reunimos também os críticos especializados em arte, literatura e cinema, que compõem apenas 6 autores. Sua abordagem dos temas se assemelha à dos acadêmicos, no sentido de que ambos escrevem apenas matérias cujo tema está inserido em suas áreas de especialidade, em oposição aos jornalistas, que abordam temas variados. Como podemos observar a partir do gráfico abaixo, esse grupo produz sobretudo ensaios.

Figura 7 - Tipo de produção dos Acadêmicos



Fonte: Gráfico de elaboração própria (2021), resultado dos dados da planilha.

Os autores deste grupo contribuem com matérias sobre as quais já estavam inseridos, como um professor de filosofia que escreveu sobre o "debate sobre valores democráticos e o risco da islamização"; um mestrando em ciência da arte que falou sobre "falsificação de

pinturas que retratam o Brasil império”; e um doutor em história pela USP ao escrever sobre “a arte e a crítica no Brasil”.

Assim como os universitários, os críticos especializados também foram convidados para falar de temas sobre os quais estão inseridos. Uma crítica literária produziu uma matéria na seção “Ensaio” sobre como surgiu um novo movimento literário que procura se reinventar, marcado como uma “literatura de proposta e exigente”. Um outro autor, crítico de cinema escreveu sobre o impacto das câmeras digitais e plataformas de vídeo como o YouTube impactam na produção de filmes.

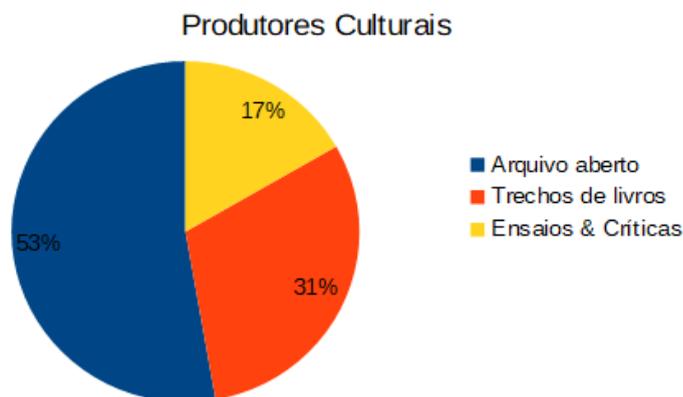
Portanto, o ponto em comum entre os acadêmicos e os críticos de arte, que nos permite categorizá-los juntos, é que eles escrevem matérias nas quais avaliam uma questão, uma obra ou um movimento artístico a partir de uma perspectiva que busca discutir a contribuição e o significado daquela obra para um contexto mais amplo, seja para o campo da arte ou para a sociedade no geral. Podemos falar, portanto, que se trata de uma perspectiva externa, uma vez que o tema da matéria é tratado como um fenômeno social, cultural e histórico que deve ser analisado, em oposição a uma perspectiva interna, que buscaria analisar a obra internamente, ou seja, sua qualidade a partir de critérios propriamente artísticos.

5.3 Produtores Culturais

Os produtores culturais, como diretores de cinema, artistas plásticos, quadrinistas, atores, pintores e escritores de literatura, que escreveram nas páginas da Ilustríssima, compõem 37 autores responsáveis por 39 matérias. Ou seja, essa categoria é a que menos escreveu na Ilustríssima. Como podemos observar no gráfico abaixo, a participação de produtores culturais se dá quase inteiramente na seção “Arquivo Aberto”, sob a forma de relatos de experiências, viagens e amizades com artistas e indivíduos reconhecidos, e na seção “Imaginação”, onde publicam trechos de suas obras. Temos por um lado aqueles que contam as histórias (amigos, colegas de trabalho e familiares), e aqueles sobre os quais se conta a história. Nessa última categoria, existem representantes dos mais variados campos

culturais, como os acadêmicos transformados em *best-sellers* Zygmunt Bauman, Eric Hobsbawm e Gilberto Freyre, além de músicos e escritores internacionalmente reconhecidos.

Figura 8 - Tipo de produção dos Produtores Culturais



Fonte: Gráfico de elaboração própria (2021), resultado dos dados da planilha.

O que podemos observar sobre os produtores culturais que aparecem como produtores de conteúdo para a *Ilustríssima* é que, se o que os distingue dos outros “*Ilustríssimos*” são suas experiências internas como criadores culturais, o que parece ser decisivo para sua participação no caderno é sua experiência com a prática da escrita. Podemos tomar um caso para exemplificar essa situação: o autor produziu uma matéria sobre turnês de pianistas pelo Brasil e a popularização da música clássica. Seu primeiro atributo apresentado é de repórter especial da *Folha*, e em segundo lugar, afirmando sua legitimidade sobre o assunto, solista da *Osesp* em 1993. Ou seja, a experiência interna ao mundo das artes dá legitimidade ao conteúdo produzido pelos produtores culturais, permitindo o desenvolvimento de narrativas longas de qualidade com um olhar particularmente detalhista, que constituem a proposta do caderno; mas por outro lado, é sua relação íntima com a escrita que lhes permite aparecer nas páginas da *Ilustríssima* como produtores de conteúdo.

Em oposição aos jornalistas, que escreveram sobre temas bastante variados, os produtores culturais não abordam temas que escapam muito da sua área de especialização e experiência profissional. São exemplos os casos: de uma produtora cultural especializada na

cobertura teatral; uma produtora cultural especializada em moda; uma diretora de cinema e professora da USP; e um escritor e professor de literatura brasileira na USP. Em todos esses casos suas matérias correspondiam à sua especialização. Fica evidente portanto que apenas a experiência com criação cultural não dá espaço no caderno, mas sim quando acompanhada da familiaridade com a escrita, por conta de seus livros publicados e cargos universitários.

6. Considerações Finais

O que é significativo neste espaço de produção e divulgação desses bens culturais? Esse foi um dos primeiros questionamentos quando a *Ilustríssima* se tornou o foco da análise. O que é importante de ser transmitido por eles; o que eles afirmam querer transmitir; o que seu público indica sobre esse conteúdo; quais características são importantes para a suas produções e sua relação com a hierarquia temática, foram algumas das questões que se buscou responder. Percebemos que a *Ilustríssima* consegue cumprir aquilo a que se propõe, elaborar narrativas longas e de qualidade sobre variados temas culturais. Com esse propósito aqueles que mais podem contribuir são principalmente pessoas com desenvoltura na escrita, capazes de produzir conteúdos sobre a sociedade de maneira ampla, como é o caso dos jornalistas, escritores e universitários. Sua proximidade com debates atuais e a facilidade com a elaboração de textos parece ser determinante para a grande parcela de contribuição desses profissionais.

Sobre o conteúdo da *Ilustríssima*, predomina questões e debates atuais sobre a sociedade, tanto sobre o Brasil, quanto sobre acontecimentos ao redor do mundo. Acredito que a preponderância de leitoras das classes A e B é um forte indicativo dos conteúdos apresentados no caderno. São temas que atualizam essas pessoas sobre acontecimentos mundiais, eventos e assuntos artísticos valorizados historicamente como teatro, música clássica e literatura consagrada. Diversas matérias foram produzidas sobre o momento político e social de outras nações, como sobre “campos de prisioneiros na Coreia do Norte”, a “situação social e política no Egito”, os “conflitos entre Palestina e Israel” e as “eleições de Obama” e “François Hollande” nos EUA e França respectivamente. Sobre o universo

artístico, predominaram artes como literatura, pintura e escultura, em detrimento de artes em processo de legitimação como moda e gastronomia.

Sobre os “Ilustríssimos” fica o destaque para a grande disparidade entre os gêneros, com a presença majoritária dos homens. Não foi percebida qualquer diferença proporcionalmente entre a escolha de temas e abordagem, assim como dos atributos sociais etários e de área de atuação. Sobre a diferenciação entre as faixas etárias percebe-se que ocorre um processo de especialização, tanto de formação quanto de temática, conforme mais avançada for a idade. Aqueles mais jovens, com menos de 30 anos, produziram mais conteúdos enquanto que aqueles com mais de 60 anos foram convidados a falar de assuntos específicos.

Mas o elemento mais marcante que situa os discursos dos participantes foi a área de atuação. Ela foi o principal elemento distintivo entre as abordagens nas matérias. O destaque fica com a relação íntima com o campo acadêmico, tanto no tipo de tema que aparece, quanto no tipo de figura selecionada como alguém importante, quanto na valorização dos diplomas e cargos acadêmicos de um “Ilustríssimo”. De modo semelhante ao relatado por Heloisa Ponte em “Círculos de intelectuais e experiência social” (1997), essa participação acadêmica dá um tom, uma perspectiva cultural tanto crítica quanto propriamente por meio de debates oriundos da universidade. A geração que é objeto do estudo de Heloísa Pontes, em um contexto de legitimação e fundação dos cursos de humanidades da Universidade de São Paulo, estavam “situados entre os literatos, os modernistas, os jornalistas polígrafos e os cientistas sociais (...) [e] construíram seu espaço de atuação por meio da crítica, exercida em moldes ensaísticos, mas pautada por preocupações e critérios acadêmicos de avaliação” (PONTES, 1997, p.3). Percebemos que essa relação íntima entre o mundo da cultura e o espaço universitário tem continuidade nas páginas da Ilustríssima. Podemos tomar duas matérias como exemplos: uma autora, professora titular de filosofia na PUC-SP, que escreveu sobre “A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica” de Walter Benjamin, onde procura apresentar a conturbada história editorial e suas diferentes versões da obra; e um autor, doutor em história pela USP, que escreveu sobre o amadurecimento da arte contemporânea no Brasil.

Talvez pelo espaço observado ter regras, estruturas que não permitem liberdade de escrita, como em revistas especializadas culturalmente, o que mais se nota na Ilustríssima não é tanto a forma, ou estilo de escrita, mas principalmente a escolha de temas e a forma de

abordá-las. O espaço em que o autor pode se expressar com mais liberdade é a seção “Arquivo Aberto”, por se tratar de lembranças, emoções e relações. Justamente por isso foi a seção mais interessante, ao apresentar experiências que se relacionam a estilos de vida, círculos sociais e lugares frequentados, o que se relaciona intimamente às condições de vida de quem escreve e de quem lê - são pessoas altamente escolarizadas com contatos tanto com as universidades quanto com o universo artístico.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2017.

_____. **O mercado de bens simbólicos**. In: BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2015.

_____. **Fundamentos para uma ciência das obras**. In: BOURDIEU, Pierre. As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

COSTA, Márcia Rodrigues da. **O estético e o social**, imagem e contexto na capa da Ilustríssima. 2015. 354 f. Tese (Doutorado em Processos Comunicacionais) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2015.

ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte**: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. vol. 1, Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PINTO, Louis. **O discurso cultivado sobre a arte**. In: PULICI; FERNANDES (Orgs.). As Lógicas Sociais do Gosto. São Paulo: Editora Unifesp, 2019.

PONTES, Heloisa. **Círculos de intelectuais e experiência social**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 12, n. 34, 1997.

PULICI, Carolina. **O gosto dominante como o gosto tradicional**. Novos Estudos. Ed. 91. v. 30, n. 3, 2011.

PULICI; FERNANDES (Orgs.). **As Lógicas Sociais do Gosto**. São Paulo: Editora Unifesp, 2019.

ROSATTI, Camila. **Patrimônio imobiliário convertido em herança cultural**. Estudos de Sociologia. Araraquara: v. 24, n. 46, 2019.

SILVA, A.; CONCEIÇÃO, F. **Jornalismo Cultural**: em busca de um conceito. 2007. 15 f. Artigo -Intercom. Santos. 2007.

SODRÉ, Nelson. **História da Imprensa no Brasil**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

WEBER, Max . **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva - volume 2. 4. ed. Brasília: UnB, 2012.

WILLIAMS, Raymond. **Com vistas a uma sociologia da cultura**. In: WILLIAMS, Raymond. Cultura. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

_____. O Círculo de Bloomsbury. In: WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Materialismo**. São Paulo: Unesp, 2011.

Reportagens, artigos de sites e publicações jornalísticas

Conheça o Grupo Folha. **Folha de S. Paulo**. S/d. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/institucional/>>. Acesso em: 30 de abr de 2021.

Folha mantém liderança de circulação no país, mostra IVC. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 29 de jun, 2014. Mercado. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2014/06/1478097-folha-mantem-lideranca-de-circulacao-no-pais-mostra-ivc.shtml?origin=folha>>. Acesso em: 01 de maio de 2021.

Leitor da Folha é ultra qualificado, mostra pesquisa. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 16 de out. 2011. Painel do Leitor. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/2011/10/991055-leitor-da-folha-e-ultraqualificado-mostra-pesquisa.shtml>>. Acesso em: 01 de maio de 2021.

Perfil do Leitor. **Folha de S. Paulo**. S/d. Disponível em: <http://www.publicidade.folha.com.br/folha/cadernos/ilustrissima/perfil_do_leitor.shtml>. Acesso em: 01 de maio de 2021.

Ilustríssima reúne ciência e cultura sem jargão. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 22 de maio, 2010. Poder. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2010/05/739259-ilustrissima-reune-ciencia-e-cultura-sem-jargao.shtml?origin=folha>>. Acesso em: 01 de maio de 2021.

A biblioteca da garagem. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 15 de janeiro, 2012. Ilustríssima. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=19009&anchor=5743515&origem=busca&originURL=&pd=1ff7fd427fa710def802fbacf725cec1>>. Acesso em: 06 de maio de 2021.

Cult Revista. **Paulo Werneck no Congresso CULT 2012**. Youtube, 29 de maio, 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3icawSfo63U&t=108s>>. Acesso em: 01 de maio de 2021.

ILUSTRADO. In: Michaelis. São Paulo, Editora Melhoramentos Ltda., 2021. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=ilustrado>>. Acesso em: 07 de maio de 2021.

Imagens

ILUSTRÍSSIMA. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 29 de Janeiro de 2012. N. 30.251. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/index.do>>. Acesso em: 29 abril. 2021.

ILUSTRÍSSIMA. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 22 de Janeiro de 2012. N. 30.244. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/index.do>>. Acesso em : 29 abril. 2021.

ILUSTRÍSSIMA. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 12 de Fevereiro de 2012. N. 30.265. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/index.do>>. Acesso em : 29 abril. 2021.